

Uma análise do fogo novo na vigília pascal

*Alex Pereira de Amorim*¹

Resumo: O presente estudo tem por objetivo refletir a importância do fogo na celebração da Vigília Pascal. Que tem início com a oração de bênção do fogo fora da igreja onde é acesa uma fogueira da qual é tirada o fogo para acender o Círio Pascal, no qual todos acendem suas velas e entram em procissão na igreja agora iluminada por essa luz; recordando a travessia dos hebreus no deserto guiados pela nuvem de fogo, e que na liturgia católica simboliza o Cristo Ressuscitado e vencedor da morte. Deus se fez utilizar dele para revelar sinais salvíficos ao longo da história da salvação humana. Ainda nessa linha de pesquisa, entendemos que o fogo desde muito tempo está presente na vida do homem, e dele faz-se utilizar nas mais variadas funções do seu cotidiano. Além da pesquisa teológica, faremos uma análise antropológica e histórica desse elemento e sua importância na construção cultural da humanidade. Concluiremos, observando a ação de Deus por meio do fogo sagrado que ilumina a caminhada de salvação do ser humano.

Palavras chaves: Fogo. Bênção. Celebração. Salvação

INTRODUÇÃO

Em todas as culturas antigas e em todos os tempos o homem buscou relacionar-se com as divindades, “o homem não pode viver sem símbolos, sem ritos, sem estruturas visíveis.” (WILGES 1982. P 12.) São essas estruturas que dão ao homem sentido religioso, ele venera a força divina, vai ao encontro dela e alimenta por meio dos rituais e simbolismos a sua fé. “O homem enxerga, por detrás dos objetos sensíveis, uma vida, alma, psique ou espírito, capaz de entrar em relações diretas em certos casos e sob certas condições, com o homem.” (WILGES 1982. P 13)

1 SACRALIZAÇÃO DO FOGO UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA

Surge os mitos, cada povo desenvolve os seus; acompanhados de ritos, de liturgias; e a partir dessas narrativas e ritos, organizam-se as sociedades por meio de instruções e por conseguinte passam a definir suas vidas a partir da relação com o sagrado, aprendendo com os deuses imita-os e estabelecem relações entre as divindades.

O homem das sociedades mais arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. (WILGES 1982. P 13)

¹ Graduando em teologia, UNICAP. alexpereiradeamorim@hotmail.com

Como vimos, o homem quer estar perto da divindade, e por meio da sacralização dos objetos ou dos elementos naturais ele consegue alcançar esse objetivo; o fogo foi um desses elementos primeiros a serem utilizados para esse fim. Usado nos rituais sagrados ele afasta o mal e invoca as forças do bem.

Para que a vida seja mais leve o homem encontra nas divindades o suporte para a sua existência, necessitada da divindade, isso faz parte de sua constituição ontológica, ele sente “saudades” do divino e por isso procura honrá-lo com ritos sacralizantes. “Em todas as suas formas, desde o sol até o lume do lar, o fogo é sagrado. Acredita-se que o calor vivo do elemento ígneo penetra todas as outras criações.” (HINNELL, 1984, p. 104) A principal característica do fogo como elemento é penetrar as estruturas das criaturas. “O fogo é muitas vezes considerado como elemento motor, que anima, transforma, que faz com que evoluam de um para outro os três estados da matéria: sólido (terra), líquido (água), gasoso (ar). O ser de fogo simboliza o agente de toda evolução.” (CHEVALIER, 2005, P. 362)

O fogo fumegante e devorador, numa síntese completa da chama iluminante, simboliza a imaginação exaltada... o subconsciente... a cavidade subterrânea ... o fogo infernal... o intelecto em sua forma revoltada: em suma, todas as formas de regresso psíquico. Nessa perspectiva, o fogo, na qualidade de elemento que queima e consome, é também símbolo de purificação e de regenerescência. Reencontra-se, pois, o aspecto positivo da destruição: nova inversão do simbolismo. O fogo distingue-se da água porquanto ele simboliza a purificação pela compreensão, até a mais espiritual de suas formas, pela luz e pela verdade. (CHEVALIER, 2005, p. 362)

As religiões antigas já utilizavam o fogo nos seus rituais sagrados o Hinduísmo é uma dessas religiões, sua origem:

Um conjunto de religiões que uma religião propriamente dita. O aglomerado ou amálgama de vários cultos e crenças num marco comum de castas que viviam na Índia. Pressupõe, portanto, uma combinação, da religiosidade védica, bramânica, dos Upanixadas, juntamente com formas religiosas nascidas no vale do Indo. A tradição mais antiga remonta provavelmente, aos anos 2000-1500 a.C. e sua evolução e transformação chega praticamente até aos nossos dias. (SANTRIDIÁN, 1996, P. 213-124).

Os adeptos do Hinduísmo possuem muitos rituais religiosos e como todas as religiões eles tem um rito próprio para o funeral, com seu significado e crença. “Cerimônias particulares estão previstas seja antes da morte, imediatamente depois ou em preparação à cremação e também depois dessa.” (SANTRIDIÁN, 1996, P. 37) O fogo faz parte do cotidiano dos seguidores do hinduísmo, e sua última utilização acontece na pira mortuária: “A maior bênção e o desejo mais ambicionado é que seja o primogênito que acenda a pira funerária do pai.”

(SANTRIDIÁN, 1996, p. 37) Esse costume tradicional perdura até os nossos. “Cremar o corpo tem caráter purificante, e as chamas são encarregadas de liberar a alma do mundo terreno e levá-la ao além, para sua união com a alma universal ou permanecer no sansara, no ciclo de renascer.” (PARANÁ, 2013, p 254).

Agni é o fogo da combustão e da digestão, ele encarna o poder da vida em eterna transformação, ele representa o sol, o calor, o desejo, o estômago, a sua cor é o vermelho e a sua contraparte é Soma: a oferta, aquilo que é consumido, o combustível, o frio, a lua, o alimento, o esperma, o vinho, o mel, o azeite que alimenta a chama, a sua cor é o azul profundo. (REVISTAFENIX, 1984, p. 305).

O controle desse elemento poderoso está muitas vezes atrelado aos cuidados dos sacerdotes que organizam a vida social em torno das divindades, esses homens possuem status, poder social, o ferreiro, que manipula o fogo forja o ferro. “Dos ofícios ligados à transformação dos metais, o de ferreiro é o mais significativo quanto à importância e à ambivalência dos símbolos que implica. A forja comporta um aspecto cosmogônico e criador”. (CHEVALIER, 2005, p. 423). Já sabemos que o fogo desperta o encanto e admiração, ele representa força e poder enquanto os animais se afastam, os homens dele se aproximam; e na crença Hindu ele tem papel fundamental no karma.

O fogo reanima o corpo em hipotermia, o fogo ilumina a obscuridade e desperta o conhecimento das coisas, o fogo no olhar é símbolo do brilho da vida interior. Com a sua atividade o fogo externo é o responsável pela cozedura dos alimentos que serão novamente cozidos pelo estômago. O fogo no corpo é energia em movimento, sem ele não estaríamos vivos. O fogo liberta as essências das coisas, como o fogo solar produz a luz e os seus múltiplos reflexos coloridos. Ele é o responsável pela expansão, dilatação, fermentação, ebulição, dissolução e libertação. (TERSEUR, 2018, p. 2)

Os antigos Astecas da América Central tinham o fogo como um: “deus fogo Huehuetott (...) que representa a força profunda que permite a união dos contrários e a ascensão ou a sublimação.” (CHEVALIER, 2005, p. 441) Os Maias tinham uma narrativa muito interessante para falar das queimadas em preparação das terras para o plantio: “os heróis gêmeos do milho, morrem queimados na fogueira acesa por seus inimigos, sem qualquer tentativa de defesa. Para renascerem, depois encarnados no rebento verde de milho.” (CHEVALIER, 2005, p. 441). Esse ritual era tão importante que recebeu nova fórmula para significar aquilo que faziam os antepassados:

O ritual do Fogo Novo, celebrado ainda hoje pelos *chortis*, no momento do equinócio, ou seja, no momento da queima de terras antes da sementeira, perpetua esse mito. Os *chortis*, nessa oca-

sião, acendem uma enorme fogueira, e nelas queimam corações de pássaros e de outros animais. E como o coração de pássaros simboliza o espírito, os índios, assim fazendo, repetem simbolicamente a incineração dos Gêmeos-Senhores-do-Milho! (CHEVALIER, 2005, p. 441)

No budismo: “o fogo sacrificial do Hinduísmo é substituído pelo fogo interior, que é ao mesmo tempo conhecimento penetrante iluminação e destruição invólucro: atijo em mim uma chama... Meu coração é a lareira, e a chama é o “self” domado.” (CHEVALIER, 2005, p. 441) Os irlandeses tinham uma festa que realizavam no dia 1º de Maio, que marcava o começo do Verão:

Nessa ocasião, os druidas acendiam grandes fogueiras, o fogo de Bel e faziam passar o gado por entre elas, a fim de preservá-lo das epidemias. Mais tarde essas fogueiras druídicas foram substituídas pela de São Patrício (o grande apóstolo- missionário da Irlanda que, segundo a história, teria acendido na véspera da Páscoa uma fogueira em Uisnech, região central do país, em desafio às práticas pagãs da época). (CHEVALIER, 2005, p. 441)

Eram vários os rituais e eles serviam de purificação e o fogo era o elemento essencial nessas verdadeiras celebrações tanto coletivas como particulares. Na mitologia grega também encontramos um deus que é conhecido por usar o fogo:

Prometeu veio em socorro da humanidade. Retirou algumas brasas vivas de uma fogueira construída pelos deuses no alto do monte Olímpio e, escondendo-as dentro de um imenso caule de erva-doce, desceu até os pequenos acampamentos nas planícies, onde homens e mulheres tremiam de frio. Logo, “visíveis de longe”, focos de fogo brilharam em toda a largura e extensão do mundo habitado. Naquele instante, a vida humana foi transformada. Para começar, havia calor, aconchego, luz e segurança contra os pecadores. (WILKINSON, 2018, p. 39)

Também na mitologia chinesa vamos encontrar um deus inventor do fogo, eis um trecho da narrativa:

Conforme se sabe, os primitivos vivam sem fazer uso do fogo. Há quem diga que era originalmente controlado por um monstro de cabeça humana e corpo de dragão o Deus do Trovão que gostava de deambular pelo mundo nas épocas do verão e da primavera. Bastava o Deus do Trovão tocar numa árvore mais carunchosa com a sua cauda, para que toda a floresta se incendiasse imediatamente, provocando tamanhas labaredas, que estas lambiam o céu, queimavam as

demais árvores e ervas, assustavam todas as pessoas e afugentavam os animais para longe. (ABREU, 2006, p. 37)

Também não podemos esquecer os países nórdicos com seus costumes, as narrativas míticas desses povos que foram tão importantes para a construção cultural do Norte da Europa, por ex: “Os Vikings constituíram a cultura de guerreiros mais famosa da Idade Média. Tanto seus feitos em batalhas, em piratarias quanto nas expedições pelo mundo colaboraram para fazer a sua fama até nossos dias.” (FUNARI, 2009, p. 132).

Acreditavam que tudo que existe é resultado da ação dos deuses, nessa ação, o fogo aparece como aquele que domina o ambiente. “Antes do princípio, não havia nada, nem terra, nem paraíso, nem estrelas, nem céu, existia apenas o mundo feito de névoa, sem forma nem contorno, e o mundo feito de fogo, eternamente em chamas.” (GAIMAN, 2017, p. 27.)

Os ritos fúnebres se davam em duas modalidades cremação ou inumação. “A queima estava atrelada à fé odínica.” (FUNARI, 2009, p. 136). Odim é o maior dos deuses e mesmo assim não será imune ao Ragnarok, esse é narrado como o mais terrível de todos os acontecimentos. “O crepúsculo chegará para o mundo, e os lugares onde os humanos vivem se transformará em ruínas, queimando com intensidade e, logo em seguida, desmoronando e se desfazendo em cinzas e devastação” (FUNARI, 2009, p. 264).

Já no Zoroastrismo um detalhe chama atenção, o fogo como elemento importante até mais do que o templo:

Dirigem-se preces ao próprio fogo. Nos tempos antigos as oferendas rituais eram feitas ao lume do lar mas, nos tempos dos aquemênidas (c. século IV AEC) introduziu-se o culto ao fogo no templo. O fogo e não o templo, é o centro do culto. Os fogos podem ser levados de um templo a outro, mas não podem ser extintos.” (GAIMAN, 2017, p. 104)

Podemos chamar o Zoroastrismo de religião do fogo, “encontrado principalmente na Índia tem como símbolo o caldeirão do fogo, que representa pureza e eternidade, considerando o símbolo de veneração, purificador e sustentador na natureza do sol.” (PARANÁ, 2015, p. 150). Por isso de sua importância nos rituais sagrados e também na vida dos seguidores dessa religião.

Na Religião Islâmica o fogo é a personificação do seu maior líder religioso.

Para os mulçumanos, a figura de Muhammad (Maomé), grande profeta, é tido como símbolo de uma tocha viva. Uma ligação entre a terra e o mundo de Alá. Nas comunidades das florestas é comum as pessoas se reunirem em torno da fogueira e ouvirem dos anciões his-

tórias sobre a criação do mundo e dos espíritos, neste local também dançam, cantam e fazem preces. (PARANÁ, 2013, p. 149)

O grande profeta do Islamismo é representado pela “tocha um símbolo de purificação pelo fogo e de iluminação. É a luz que ilumina a travessia dos Infernos e os caminhos da iniciação.” (CHEVALIER, 2005, p. 886) Sendo assim, o fogo é o elemento purificador e iluminador, por isso, não sendo diferente, logo foi associado ao profeta Maomé, que ensina e liberta por meio da sabedoria.

E finalmente o elemento fogo e sua utilidade no Cristianismo:

O simbolismo do fogo é ligado ao tema da luz. Ele se constitui como princípio “ativador” na transformação, representa o amor, o fervor interior, as paixões localizadas no coração. O fogo tem grande valor como sinal e lembra a presença e ação de Deus no mundo. É chama que ilumina e arde sem cessar (sarça ardente). É sinal de alegria, de festa. Por isso, reforçamos a ideia de que, a Vigília Pascal, a celebração do fogo, da luz do mundo, que é Cristo ressuscitado, deverá ser posta em evidência. (NODARI, 1999, p. 21)

No Cristianismo o fogo é associado a Deus seguindo o mesmo caminho das religiões antigas, ele é a presença do Deus no meio do seu povo, sua força purificadora queima e renova a vida do homem. Cristo é associado ao fogo Novo na Vigília da Luz, Ele ilumina o caminho.

2 ORIGEM DA BÊNÇÃO DO FOGO NOVO: UMA VISÃO HISTÓRICA

Herdamos muito do Judaísmo, e sem dúvidas o elemento fogo usado em nossas liturgias vem do culto judaico. Vejamos: na Festa da Hanukkah (festa das luzes). “Queimaram incenso sobre o altar e acenderam as lâmpadas do candelabro, as quais voltaram a brilhar no interior do Templo.” (1 Mac 4, 50). O fogo também permanecia aceso no interior do Templo; “o sacerdote, ficará encarregado de cuidar do óleo da luminária” e assim: “um fogo perpétuo arderá sobre o altar, sem jamais apagar-se” (Lv 6, 6). O fogo também foi essencial para os hebreus quando saíram do Egito, Deus guiava-os durante a noite “numa coluna de fogo para alumiar, a fim de que pudessem caminhar de dia e de noite” (Êx 13,21).

A teofania no Monte Sinai foi por meio do fogo: “Toda a montanha do Sinai fumegava, porque Iahweh descera sobre ela no fogo; a sua fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, e toda a montanha tremia violentamente.” E no sacrifício que Abraão o oferece, “tomando nas mãos o fogo” (Gn 22, 6).

A Igreja dos Apóstolos tomando para si essas manifestações inaugura um novo tempo, pois, este, “o Mistério Pascal é considerado o fato primordial da nossa fé e o centro de todas as celebrações litúrgicas cristãs.” (CARLOS, 1996, p. 9) Nasce assim, a comemoração anual da Páscoa do Senhor, tendo sua origem na Páscoa Judaica, porém, a comunidade cristã dá um

novo sentido. Encontraremos maiores relatos no II século, observamos “que se mencionava uma festa pascal no século II, embora fosse celebrada desde o século I.” (CARLOS, 1996, p. 10). Porém, só “a partir do século II, encontraremos testemunhos com detalhes sobre o modo de celebrar a Vigília Pascal.” (CARLOS, 1996, p. 23-24) essa celebração era marcada por três elementos: “a celebração da palavra, o batismo, a celebração eucarística.

A cada oito dias, segundo o testemunho de Justino, “no dia chamado do Sol, porque é o primeiro dia em que Deus, transformadas trevas e matéria, plasmou o mundo, e no qual Jesus Cristo, nosso Salvador ressuscitou dos mortos. De fato, crucificaram-no na vigília do dia de Saturno e ele apareceu aos apóstolos e discípulos no dia seguinte ao dia de Saturno, isto é, no dia do Sol, e ensinou-lhes a doutrina que apresentamos ao exame de vocês.” (BERGAMINI, 1994, p. 105-106)

Até aqui não temos relatos de uma bênção para o fogo, mas sabemos que o fogo era usado nas celebrações; só posteriormente é que vai surgir, veja:

Para a bênção do fogo, não encontramos nenhum formulário oficial antes do Pontifical romano do século XII, que descreve a procissão do Lumen Chisti. O uso do fogo novo, depois que, na noite da Quinta feira Santa, as lâmpadas eram recolocadas em um lugar escondido, é testemunhado como sendo praticado em Roma desde o século IX. De resto, o problema da bênção do fogo não é claro, a tal ponto que, já nos séculos VII e IX, aparecem dúvidas. (BERGAMINI, 1994, p. 309)

O mesmo acontecia com o círio, no começo ele não recebia nenhuma espécie de bênção só posteriormente é que surge uma bênção para o círio, pois, esse, era solenemente abençoado e em seguida acendido: “A bênção do círio, que soleniza o acendimento vespertino da luz, foi ampliada liricamente no canto do Exultet. Este rito, que no século V se realizava em todos os lugares, inclusive em algumas igrejas de Roma, era ainda ignorado, no século XI, pela liturgia papal.” (BERGAMINI, 1994, p. 308) O círio é o símbolo do Cristo Ressuscitado, que levantado da sepultura põe-se de pé e vai a frente dissipando a escuridão do interior da igreja com sua luz.

Sendo o fogo muito importante na celebração da Vigília Pascal, a Igreja entendeu que era preciso criar uma bênção para ele, pois, a celebração da luz por ser cheia de significados e muito rica em sua simbologia precisava estabelecer uma bênção para o fogo, tendo em vista que tudo começava em torno dele, e que não existia energia elétrica.

Para iluminar as basílicas, onde se reuniam os fiéis para a celebração, o único meio era acender um fogo, do qual com tições tiravam a luz para iluminar o ambiente sagrado. Depois de apagar as lâmpadas, no fim do lucernário, era preciso pensar na luz para os ofícios do dia seguinte. Por isso no século IX, encontramos em Roma uma bênção

do fogo na Sexta-feira Santa. Na noite de Páscoa, essa bênção do fogo, como a do círio e da água batismal são vislumbres da redenção que se celebra. (CARLOS, 1996, p. 25)

Esse costume remonta da antiga região que hoje corresponde a Alemanha e a França, o fogo era retirado de uma lápide; “A bênção do fogo novo, tirado da pedra, é símbolo da luz, da fé que procede de Cristo, pedra fundamental da Igreja. Dele sai o fogo que ilumina e abrasa os corações.” (CARLOS, 1996, p. 26) Cria-se uma teologia em torno dessa bênção que acaba tornando-se “um costume que se originou na Gália (França) e pretende ser um sacramental substitutivo das fogueiras pagãs, que se acendiam no início da primavera, em louvor da divindade Votan, com a finalidade de se obter uma rica colheita dos frutos da terra.” (CARLOS, 1996, p. 26) Extrair o fogo não era um trabalho fácil e agradável, esse processo exigia esforço e por isso mesmo precisava ser bem mais organizado e que pudesse oferecer uma maior praticidade. “Ao lado dos três componentes fundamentais da Vigília Pascal (palavra, iniciação e eucaristia) foram acrescentados dois elementos simbólicos: a bênção do fogo novo e a procissão do *Lumen Christi* com a *laus cerei*.” (CARLOS, 1996, p. 25).

A luz como primeira a iluminar o ambiente físico “Para iluminar as basílicas, o único meio, era acender um fogo, do qual com tições tiravam a luz para iluminar o ambiente sagrado.” (CARLOS, 1996, p. 25)

Com esse gesto, as trevas eram afugentadas, e o fogo é associado a Cristo que ilumina a vida do ser homem afastando dele o mal.

A partir dessa preocupação surge a necessidade de uma bênção própria para o fogo. “Por isso, no século IX, encontramos em Roma uma bênção do fogo na Sexta-feira Santa. Na noite da Páscoa, essa bênção do fogo, como a do Círio pascal e da água batismal são vislumbre da redenção que se celebra” (CARLOS, 1996, p. 25)

3 O FOGO COMO SÍMBOLO DO CRISTO RESSUSCITADO UMA VISÃO TEOLÓGICA

Vimos que a bênção do fogo foi criada muito posterior a celebração da luz, agora veremos um pouco do simbolismo da luz. “Na liturgia, os simbolismos luz-chama e iluminar-arder quase sempre são encontrados juntos.” (SARTORE e MARIA, 1984, p. 339) Eles enriqueceram enormemente as celebrações litúrgicas com seus simbolismos, no Judaísmo são encontrados: “luzes, luminárias, lâmpadas, e candelabros, usados na liturgia hebraica, passaram com facilidade para a liturgia cristã pelas mesmas razões práticas e com simbolismo análogo, a que se acrescenta a sugestão das liturgias descritas pelo Apocalipse.” (SARTORE e MARIA, 1984, p. 339)

A luz emitida pelas chamas de uma fogueira é

Símbolo da luz, da fé que procede de Cristo, pedra fundamental da

Igreja. Dele sai o fogo que ilumina e abrasa os corações. O costume de se extrair fogo, golpeando uma pedra, provém da Antiguidade germânica pagã. E passa a ser símbolo do Cristo que ilumina e abrasa os corações. Ele é a pedra angular que, sob os golpes da cruz, jorrou sobre nós o Espírito Santo. (CARLOS, 1996, p. 26)

Essa tradição herdada do paganismo tornou muito mais bela e rica na liturgia cristã, dando um significado único a luz, e conseqüentemente na liturgia da celebração da luz, de uma necessidade antropológica passa agora a um significado teológico. Vejamos a oração de bênção para o fogo:

Ó Deus, que pelo vosso Filho trouxestes àqueles que creem o clarão da vossa luz, santificai este novo fogo. Concedei que a festa da Páscoa acenda em nós tal desejo do céu, que possamos chegar purificados à festa da luz eterna. (CARLOS, 1996, p. 163)

Cristo é a nova luz que não se apaga jamais, e traz a salvação para todos os que depositam sua esperança Nele, estes, serão salvos pelo clarão de sua glória. Por isso que o fogo tem um simbolismo muito forte nesta celebração. Primeiro porque é celebrada a noite, a luz é indispensável, depois a luz é associada ao Cristo, Ele é a luz que ilumina as trevas do pecado. A proclamação da Páscoa ajuda-nos a entender melhor.

E vós, que estais aqui, irmãos queridos, em torno desta chama reluzente, erguei os corações e, assim unidos, invoquemos a Deus onipotente. Ele, que por seus dons nada reclama, quis que entre os seus levitas me encontrasse: para cantar a glória desta chama de sua luz um raio me traspasse! (CARLOS, 1996, p. 165)

O Círio Pascal é símbolo do Cristo vivo vencedor das trevas, sua chama que tremula no alto atrai os corações a Ele, pois é a sua chama que penetrar no interior da igreja escura e vazia na Noite Santa; o ministro diz três vezes; “Eis a luz de Cristo” (CARLOS, e LUÍZ 1996, p. 164). Em outras palavras, é como que dissesse: aqui está a luz verdadeira que não se apaga.

A prece da Igreja reunida em torno do círio Pascal símbolo do Cristo vitorioso é sinal dos bens futuros que aguarda a última vinda do Messias, enquanto não chega é aguardado pelos fiéis com os corações ardentes de desejo; isso é revelado com alegria quando cantasse: “Ó noite de alegria verdadeira, que prostra o faraó e ergue os hebreus, que une de novo ao céu a terra inteira, pondo na treva humana a luz de Deus.” (CARLOS, 1996, p. 165)

CONCLUSÃO

Em nosso trabalho, observamos que o homem aprendeu logo cedo a fazer uso do elemento fogo dos rituais sagrados; e que por isso o fogo está presente como um dos elementos fundantes na constituição religiosa do homem; o homem precisa dele para a sobrevivência

em sociedade e como vimos para relacionar-se com o sagrado. Em seguida vimos um pouco da história da celebração da luz e a origem da bênção para o fogo, ressaltando com maior dignidade esse elemento na celebração litúrgica. E por fim tivemos a oportunidade de analisar o sentido teológico desse tão importante elemento natural na referida celebração onde o Cristo é a luz do novo amanhecer na história da salvação.

REFERÊNCIAS

BERGAMINI, Augusto, Cristo, festa da igreja: história, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico. São Paulo, Paulinas, 1994.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. 6. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2019.

CARLOS, Antônio de Oliveira, Vivendo a Semana Santa: o Mistério celebrado no Brasil. Aparecida: SP, 1996.

CHEVALIER, Jean Alain Gheerbrant. Dicionário de símbolos, mitos, sonhos costumes, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo (org). As religiões que o mundo esqueceu. São Paulo: Contexto, 2009.

GAIMAN, Neil, Mitologia Nórdica. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

HINNELLS, John. Dicionário das Religiões. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

NODARI, Paulo (org). Vigília Pascal. São Paulo: Paulus, 1999.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Ensino Religioso: diversidade cultural e religiosa. Curitiba: SEED/PR, 2013. 284 p. ISBN 978-85-8015-059-9. Disponível em: [^https://ipfer.com.br/wpcontent/uploads/2015/06/Livro-Ensino-Paran%20A1.pdf^](https://ipfer.com.br/wpcontent/uploads/2015/06/Livro-Ensino-Paran%20A1.pdf). Acesso em: 05 Junho 2021.

SANTRIDIÁN, Pedro R. Dicionário básico das religiões. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (Org.). Dicionário de liturgia. São Paulo: Paulus, 2004.

TERSEUR, Françoise. Agni: o Fogo do Sacrifício. Revista Fénix – ideias e cultura, Organização Internacional Nova Acrópole, Lisboa, 14 jan. 2018. Disponível em: < <https://www.revistafenix.pt/agni-o-fogo-do-sacrificio/> >. Acesso em 02 jun 2021.

WILGES, Irineu. Cultura Religiosa, as religiões no mundo. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1982.

WILGES, Irineu. Cultura Religiosa, as religiões no mundo. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 1982.